

VISIBILIDADES ESPAÇO-TEMPORAIS DO CORPO NA DANÇA BUTÔ

Larissa Kelly de Oliveira Marques Tibúrcio

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN

Espaço-tempo, corpo, dança Butô.

PRIMEIRO OLHAR

Falar de espaço-tempo numa primeira instância é reconhecer que essas dimensões estão implicadas no próprio existir. O fenômeno do movimento engrenado e situado no desdobrar-se de uma vida manifesta a implicação dessas dimensões fundadas na nossa relação com o mundo e no mundo (MERLEAU-PONTY, 1994).

No que se refere às relações espaço-temporais na dança contemporânea, podemos observar que várias das suas produções vem propondo uma flexibilização da vivência do espaço e do tempo, ao retratar corpos que buscam não se conter na sua própria extensão. Ao abarcar o “entrelaçamento de diversas técnicas de dança, de uma pluralidade de linguagens e de uma multiplicidade de ações cênicas, sem negar os estilos que a antecederam” (SILVA, 2005, p. 17), entendemos que a dança contemporânea possibilita um redimensionamento dos usos do espaço e do tempo do corpo na dança, inserindo a voz, o canto, o virtual, materiais diversos, como elementos que podem integrar a configuração desse gênero de dança.

No Brasil, é possível destacar alguns grupos e Companhias como a Cia. de Dança Deborah Colker no Rio de Janeiro, a Quasar Companhia de Dança em Goiás, o Grupo Cena 11 em Santa Catarina, o Grupo Corpo em Minas Gerais, dentre muitos outros, que apesar das suas particularidades, ressaltam em comum a possibilidade de trabalhar numa perspectiva de hibridação de linguagens, de não fixação em um único código gestual, instituindo muitas vezes um modo de configurar o movimento dançado de forma inovadora, extremamente plástica, sem estabelecer uma hierarquização entre os códigos utilizados.

Pensando nessa gama extremamente rica de possibilidades de experienciar o espaço-tempo que a dança contemporânea oferece, pretendemos nesse breve escrito discutir o modo como se presentifica essas relações espaço-temporais, sublinhando a dança butô como expressão artística sobre a qual iremos dirigir nosso olhar para realizar essa discussão. Nesse intuito, procuramos estabelecer uma interlocução com o pensamento filosófico de Merleau-Ponty (1994) no que se refere à compreensão do espaço e do tempo, como também dialogar com alguns autores que vem pensando a dança contemporânea, e a dança butô, especificamente, no cenário artístico atual.

E por que a escolha pela dança butô? Considerando que essa dança foi objeto da nossa interrogação em uma pesquisa anterior (TIBÚRCIO, 2005), compreendemos que essa reflexão se

configura como um desdobramento, um outro trajeto a ser desenhado para pensarmos acerca dessa expressão da dança-teatro, que ao nosso ver traz muitos elementos para pensarmos a espacialidade e temporalidade do corpo na dança.

O ESPAÇO E O TEMPO NA DANÇA BUTÔ

A dança-teatro propõe a ruptura do binário dança/teatro, corpo/mente, movimento/texto e reconhece que é na inter-relação com as outras artes que a dança se descobre e se recria como movimento. Podemos trazer como uma das mais fortes expressões da dança-teatro na atualidade as produções coreográficas de Pina Bausch que desenvolve na Alemanha um trabalho intenso a partir dessa referência incluindo nas suas criações o canto, textos, objetos, slides, vídeos, expondo uma realidade multifacetada, fragmentada e complexa. Dessa maneira, a “dança a partir de outras formas de artes não as substitui nem as traduz para sua forma, mas as modifica criativamente” (FERNANDES, 2002, p. 35).

A dança butô é uma outra expressão significativa da dança-teatro na contemporaneidade. Surgiu no Japão no final da década de 1950. Remete-nos assim como o mito a um tempo simbólico, capaz de rememorar por meio das lembranças presentes no corpo a “escuta da memória coletiva ancestral” (BÓGEA, 2005, p. 102). Ela assume que carregamos o que nos antecede, carregamos a nossa ancestralidade ao nosso redor. Os gestos ancestrais estão em nós, estão gravados em nosso corpo e necessitam ser reconhecidos e explorados (BAIOCCHI, 1995).

O corpo aqui transita por outras projeções no espaço-tempo. Os pés enraizados no solo, o modo singelo, paciente, cerimonioso e sutil de se mover nessa dança, o olhar que atravessa a pele e penetra nos espaços ocultos desse corpo, conjugando o céu e a terra, o interior e o exterior, revela uma estética que rejeita o aprisionamento do corpo em um molde cultural ao explorar as posições arquetípicas, “como o corpo atrelado à terra, os pés para dentro, os ombros caídos, olhos em êxtase, expressões grotescas de desespero” (GREINER, 2000, p. 88).

O corpo é retorcido, torto, dobrado sobre si, arabesco inextricável munido da liberdade de se mover no espaço. Os movimentos seguem preponderantemente o plano médio-baixo e mobilizam uma energia espaço-temporal concentrada e tensionada, o que conduz a uma movimentação lenta do corpo, que não implica necessariamente em deslocar-se no espaço projetando braços e pernas para longe do centro de gravidade. Movo-me para exprimir algo, como condição de existir, independente dos trajetos que percorro, do andamento que imprimo a essa ação. Movo-me para apreciar a vida, como possibilidade de ligação com o espaço-tempo do universo, do útero materno, como diz Kazuo

Ohno, que apresenta na sua dança o que vive na sua vida, as relações entre ser humano, amor, universo, natureza (LUIZI; BOGÉA, 2002; KODAMA, 2005).

A gestualidade dos dançarinos revela corpos que dançam num espaço e tempo de contornos não nítidos, marcados pela inserção de descontinuidades dos movimentos, de assimetrias. O encontro com esse corpo mítico propiciado pelo butô nos coloca em contato com um tempo pretérito, um tempo que permanece no espaço desde a gestação das criaturas sobre a terra, rastro da criação sobre nossa forma espiritual, nossa condição animal e divina (MOYA, 2005).

Tempo que respira com o corpo, recolhe e doa, sustenta e libera, opondo-se à sua vivência efêmera e extremamente acelerada imposta pela sociedade contemporânea, que se caracteriza pela necessidade veemente de *correr contra o tempo*, de administrá-lo com afinco, imprimindo uma velocidade máxima em tudo o que se faz, para que possamos produzir, render (TIBÚRCIO, 2005).

O tempo é vivido e não cronológico. Desse modo, ele “não segue uma cronologia linear de um antes distante, de um agora imediato e de um depois que se distende para o amanhã, isolando passado, presente e futuro” (TIBÚRCIO, 2005, p. 22). A dança butô não fixa o corpo em formas pré-definidas ou em um padrão de temporalidade. O corpo aqui se configura na sutileza dos gestos nutrindo-se e mergulhando “nas sombras e silêncios, em um espaço sem medidas, preenchido de continuidades e vizinhanças. O corpo trama a conexão entre os tecidos celulares, entre o céu e a terra, a animalidade e a cultura, o interior e o exterior” (IDEM, p.69).

VISIBILIDADES POSSÍVEIS

Partindo desses enunciados ora apresentados, e referindo-se à dança butô como expoente da dança contemporânea, podemos dizer que o espaço e o tempo não são configurados aqui dentro de um padrão de linearidade, que conformaria uma métrica e uma trajetória espacial única.

Considerando o referencial fenomenológico por nós adotado, o espaço e o tempo foram pensados nesse escrito como dimensões da existência e não como categorias absolutas que a priori estariam dadas e que por si só são capazes de serem mensuradas por um sujeito pensante. Desse modo, é preciso viver o espaço-tempo, retomá-lo, assumi-lo e encontrar o seu sentido nessa experiência vivida. Sou eu que os reúno em um sentido como um ser situado em relação a um ambiente e digo aquilo que eles querem dizer de si mesmos. Sou eu que os insiro no imbricamento da natureza e da cultura, atando-os como processos físicos e sociais num só enlace. Enquanto um corpo que habita o mundo, as direções, a profundidade e a grandeza são dimensões do espaço constituídas a cada momento “com um nível espacial em relação ao qual às coisas se situam” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 359). Assim também ocorre com o tempo que a cada momento se reafirma atualizando o passado e projetando um futuro.

É nessa direção que a dança contemporânea enquanto uma expressão artística que integra o sujeito e o mundo e que assim como a arte de um modo geral, também é capaz de trazer para si outros sentidos para o viver humano pode contribuir para pensarmos o tempo e o espaço a partir de uma lógica sensível que rompe com uma concepção linear e mensurável do espaço-tempo para reintroduzi-lo no mundo vivido que se configura nos corpos que dançam de infinitas formas e andamentos desfazendo e refazendo o espaço e o tempo em cada gesto dançado.

BIBLIOGRAFIA

BAIOCCHI, Maura. **Butoh**: Dança veredas d'alma. São Paulo: Palas Athena, 1995.

BÓGEA, Inês. **Projeto resgata a memória em movimento**. Folha de São Paulo, 01 maio 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u43797.shtml>>. Acesso em: 01 maio. 2005.

FERNANDES, Ciane. **O corpo em movimento**: o sistema Laban / Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas – São Paulo: Annablume, 2002.

GREINER, Christine. **O teatro Nô e o ocidente**. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2000.

KODAMA, M. Entrevistas – Kazuo Ohno, 1995. Intérprete: Kunihiro Otsuka. **Jornal International Press**, Seção Lazer e Cultura, p. 5-B. Disponível em: <<http://www.teatrobrasileiro.com.br/entrevistas/kazuoojno.htm>>. Acesso em: 01 fev. 2005.

LUISI, E; BÓGÉA, I. **Kazuo Ohno**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

MERLEAU-PONT, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MOYA, C. **Sanjkai Juku, Hibiki**. 21 jul. 2001. Seção Andanzas. Disponível em: <<http://www.jornada.unam.mx/2001/jul01/010721/22an1esp.html>>. Acesso em: 02 fev. 2005.

SILVA, Eliana Rodrigues. **Dança e pós-modernidade**. Salvador: EDUFBA, 2005.

TIBÚRCIO, L.K.O.M. **A poética do corpo no mito e na dança butô**: por uma educação sensível. Tese (Doutorado em Educação), Natal, UFRN, 2005.